

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo e o J.T. Class.: 05

Data: 25/07/69

Pg.: _____

INDIOS TERRAS INVASOES

OS GAVIÕES MORREM LUTANDO

Não chegam a 100 os índios Gaviões que se deslocam para o Norte do Pará, dispostos a guerrear com os brancos. Eles são os sobreviventes de um grupo de 500, que em 1941 viviam entre o Maranhão e o Pará. Eram homens fortes, com estatura média de 1,75 metros, que usavam longas e pesadas flechas. Depois dos primeiros contatos com os brancos, foram sendo contaminados e morrendo de resfriados, sífilis, tuberculose. Ou mortos pelas balas de caboclos e coletores de castanhas, que invadem suas terras. Na semana passada, os Gaviões decidiram: preferem morrer lutando.

José Maria Malcher foi diretor do ex-Serviço de Proteção ao Índio, a atual FUNAI. Viveu sete anos com os Gaviões e diz que eles são hoje apenas molambos em relação ao que eram.

— Em 1941, eu era chefe de inspetoria e controlava as tribos das regiões do Pará, Amapá e algumas do Maranhão. Tinha bastante intimidade com o marechal Rondon para contestar suas palavras, quando ele dizia que o homem branco ia levar civilização aos índios. Eu pedia desculpas e trocava o termo para sifilização. Muitas vezes ele concordou comigo, apesar de protestar.

Segundo, Malcher, a tribo dos Gaviões habitava mais ou menos a mesma região onde vive agora: a margem direita do rio Tocantins, a poucos quilômetros da cidade de Marabá, até o limite da Zona da Imperatriz. Só que Marabá não existia e a cidadezinha mais próxima era Pucuruvi, hoje Alabaca, que limitava o domínio dos Gaviões.

— Era tudo muito vasto. Ali, os índios — eminentemente guerreiros — tinham campo livre para caça e pesca e viviam separados em duas tabas distintas, mas próximas. Hoje, toda a região foi tomada aos Gaviões. Na beira do rio, onde eles viviam, passa agora a Belém-Brasília.

Malcher trabalhava num posto chamado Montanha, na margem do Tocantins, com a ajuda de Dorival Pamplona Nunes, Aurélio de Miranda e dois outros trabalhadores. Aurélio, que atraía os índios, para os primeiros contatos, foi morto por eles.

— Em 1941, os guerreiros Gaviões viviam atacando ou revendendo os ataques de alguns caboclos. A região é uma das mais ricas na produção de castanhas do Pará e para lá iam os intermediários dos grandes proprietários. O choque com os índios era inevitável. Mesmo na época eu dizia que não havia razão para o termo pacificar, porque os atacantes eram sempre os brancos.

Malcher e seus companheiros plantavam milho, para os primeiros contatos, porque os Gaviões festejam a data da colheita. Sempre que notavam a proximidade dos índios, deixavam-lhes presentes. Os índios deixavam outros, em troca. Essas primeiras tentativas foram frustradas porque Aurélio, sem saber o valor que os índios davam à conservação do milho até o dia de sua festa, mandou cortar e vender tudo.

— Os índios chegaram, não encontraram nada. Apareceram alguns dias depois, pintados e cheios de enfeites. Aurélio não imaginou o perigo que corria. Aproximou-se e recebeu três flechadas. Quando o encontramos, estava irreconhecível, por causa das pancadas de tacape.

Malcher e seus companheiros acabaram conseguindo amizade com os índios. Mas isso não impediu que os caboclos invadissem sempre as terras dos Gaviões, para colher castanhas, sendo repellidos pelos índios. Ele conta: "Várias vezes eu recorri aos governadores do Pará e Maranhão. Eu defendia os índios, mas eles sempre argumentavam com o mercado das castanhas, que estava fraco porque não havia colheita naquela região. Os empresários pressionavam o governo e esse a mim. Mas os índios não podiam ser considerados culpados, pois apenas se defendiam".

Malcher deixou a região em 1947. Anos depois, soube que os fortes Gaviões estavam dizimados e fracos. "Agora, eu não sei o que é feito daqueles índios. As razões dos ataques dos brancos mudaram, agora é a exploração da cassiterita ou a busca de pedras preciosas. De qualquer forma, a culpa continua não sendo dos índios, isso eu aposto".

O presidente da Fundação Nacional do Índio, José Queirós Campos, não tem conhecimento oficial das notícias sobre o assassinato de três brancos pelos índios Gorotires, no Pará. Ele acha muito provável que elas não sejam verdadeiras, "por causa do interesse de certos homens brancos da região em divulgar notícias que apresentem os índios como agressores e não como agredidos".

— A prova é que, na maioria das notícias sobre choques entre brancos e índios, o número de brancos feridos é sempre maior que o de índios. Isso é inadmissível, se considerarmos que os brancos lutam com rifles e metralhadoras e os índios com arcos e flechas.

Queirós Campos viajará hoje para Brasília, para dirigir o I Congresso Indigenista, do qual participarão membros da FUNAI e das missões religiosas que se dedicam à pacificação dos índios. Diante dos conflitos entre brancos e índios, que têm sido mais frequentes ultimamente, ele diz que a FUNAI "vai se limitar a obedecer a lei brasileira, que é bastante completa no que se refere à proteção dos direitos dos índios". Ele acha que as notícias constantes sobre esses choques têm uma vantagem: "Antigamente, essas barbaridades aconteciam como hoje, mas ninguém falava nelas. Em 1935, por exemplo, dezenas de índios foram dizimados propositadamente. Alguns brancos deixaram em uma árvore uma camisa usada por um docente de variola, para que os índios também a usassem. Nós só ficamos sabendo disso porque o fato foi publicado pela imprensa da França".